



XUMUCUÍS 3





Belém_Pará_Brasil 2014

IDEALIZAÇÃO DO PROJETO

RAMIRO QUARESMA E DEYSE MARINHO

CURADORIA

RAMIRO QUARESMA

COORDENAÇÃO GERAL

DEYSE MARINHO

Selecionado no Edital do Programa Oi
de Patrocínios Culturais 2013



REALIZAÇÃO



] [
Onze janelas

S I M
Sistema Integrado
de Museus e Memorialis

SECULT
SECRETARIA
DE CULTURA
DO
ESTADO
DO
PARA

Secretaria de Estado
e Promoção Social

GOVERNO DO
ESTADO
DO
PARA

APOIO CULTURAL



APOIO INSTITUCIONAL

SOL

PATROCÍNIO



BANCO DA AMAZÔNIA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

#DISPOSITIVO 01 - ONZE JANELAS

O que é arte digital? Invariavelmente surge essa questão ao dialogarmos sobre este Salão. Seria arte digital um endereço eletrônico onde inventarmos e viajarmos por cidades imaginárias? E um desenho onde as cores e formas são geradas por pincéis e paletas em softwares? E um manifesto sonoro contra os crimes da ditadura ou um diário íntimo de imagens publicado em redes sociais? Quando essas manifestações digitais são arte? Em sua terceira edição o Salão Xumucuís de Arte Digital tenta, ainda, responder estas perguntas, e reafirma sua importância no cenário da arte contemporânea na Amazônia e no Brasil. Expondo em suas três edições mais de 100 artistas em simbiose com nosso tempo hiperconectado, de relações virtuais e sensoriais que se materializam em poéticas artísticas.

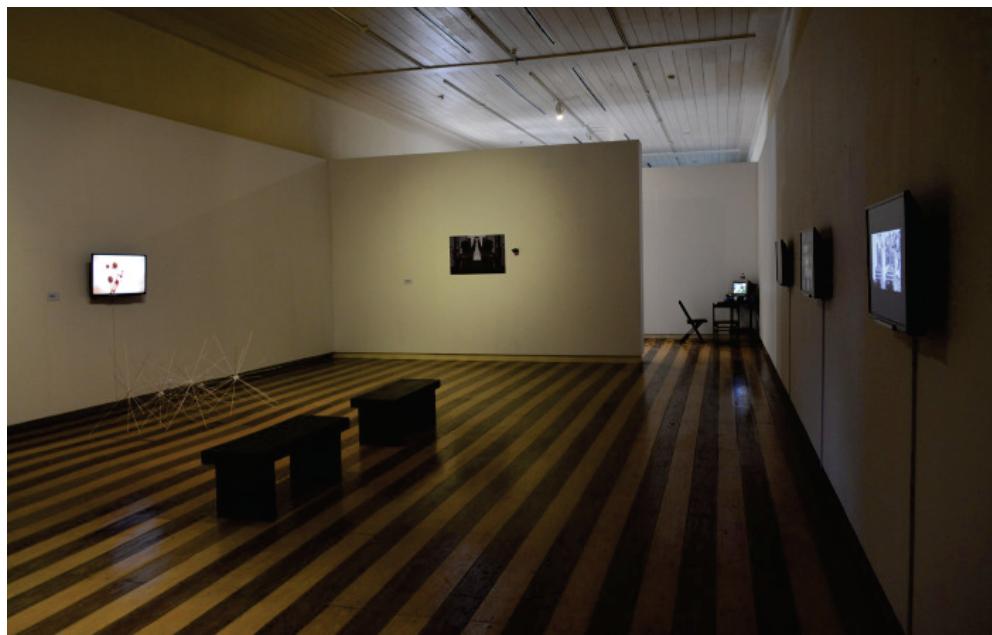
Com o olhar do visitante esses trabalhos expostos são ativados em sua potência, nosso objetivo é oportunizar essa relação entre público e artista, entre vida e obra. Um evento independente, que surge a partir de um blog no ciberespaço e que será sempre experimental, um laboratório temporário de exercício de possibilidades artísticas, onde o novo, o desconhecido, se apresenta ao olhar.

Nesta edição são 36 artistas selecionados para a exposição e premiação, com obras em arte sonora, video-objeto, gravura digital, ações performáticas, web arte, artemídia, video arte e instalações, Paraenses e brasileiros juntos em uma narrativa contemporânea em exposição, obras de um tempo que é hoje.

RAMIRO QUARESMA
CURADOR



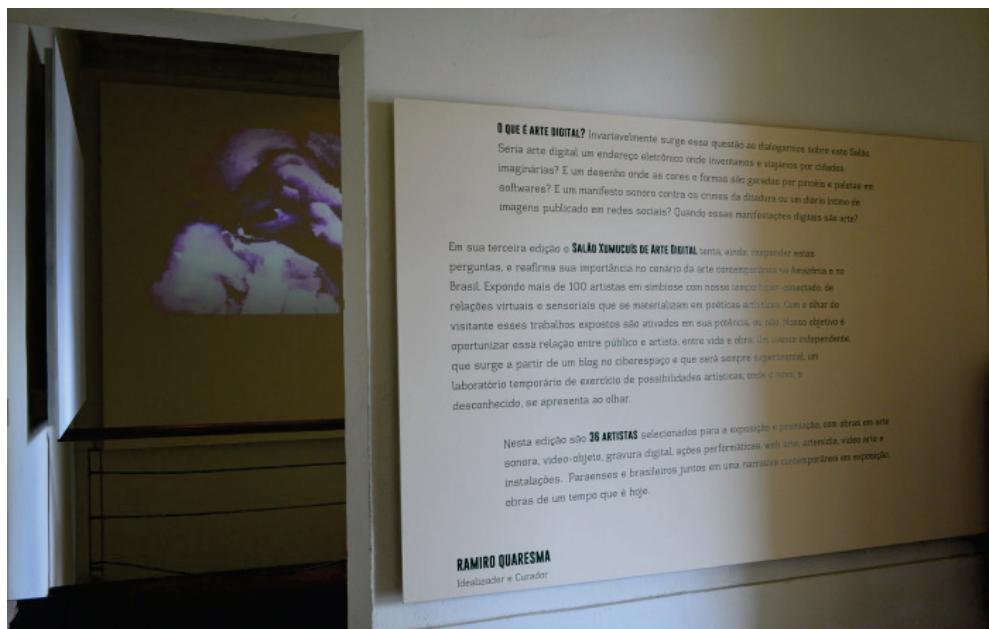
ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE JANELAS



ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE JANELAS



ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE JANELAS





#DISPOSITIVO 02 - AÇÕES FORMATIVAS



CULTURA DIGITAL NA AMAZÔNIA



FORMAÇÃO ARTÍSTICA EM TECNOLOGIA



INTERFACES DIGITAIS
NA ARTE CONTEMPORÂNEA

#DISPOSITIVO 02 -AÇÕES FORMATIVAS



MIDALIVRISMO-LABNINJA



INTRODUÇÃO AO VJING E MAPPING



PRINCÍPIOS DA CURADORIA
EM ARTE E TECNOLOGIA

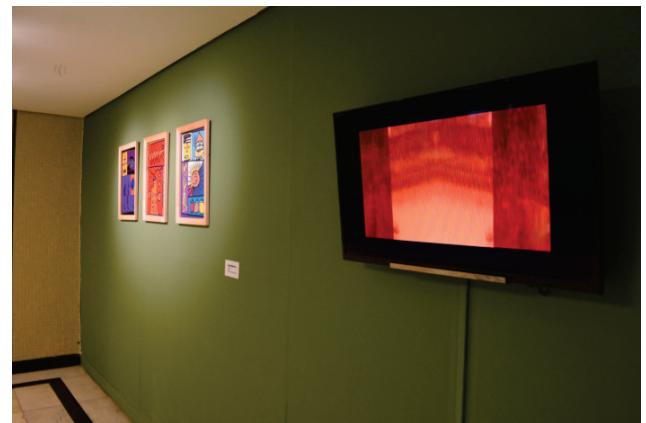
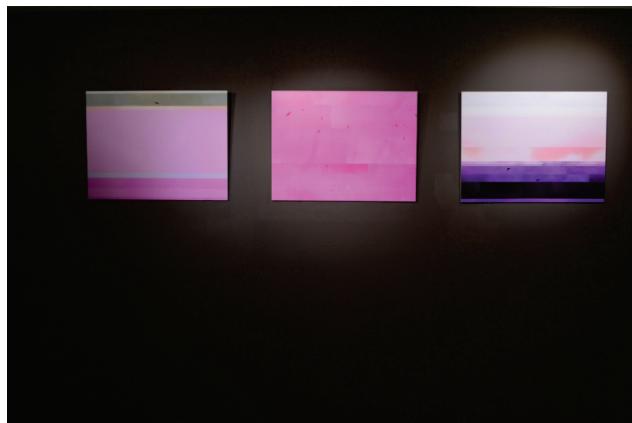
#DISPOSITIVO 03 - BANCO DA AMAZÔNIA

Uma nova arte ou a arte de agora? O homem-artista utiliza criativamente as ferramentas de seu tempo, seja a pedra de carvão ou o tablet, que se transformam em dispositivos de inventar e podemos mudar o mundo a partir deles, na tela em branco do computador conectado ao ciberespaço, como na parede da caverna. Essa manifestação de potência do ser com as ferramentas de seu tempo, essa é a Arte que queremos.

Em sua terceira edição, com 6 exposições realizadas em um percurso colaborativo, independente e autônomo, o Salão Xumucuís de Arte Digital é parte indiscutível da recente história das artes visuais na Amazônia. Expondo mais de 100 artistas com obras em arte e tecnologia, oportunizou o contato do público paraense com a interface digital da arte contemporânea em espaços expositivos representativos da capital paraense, como este Espaço Cultural do Banco da Amazônia que ocupa pela segunda vez.

Neste Dispositivo #03 - Afluentes Amazônicos temos os artistas selecionados e convidados do Pará e da Amazônia, em obras onde as mídias tecnológicas criam ambientes artísticos digitais por onde fluem o homem, a floresta, a cidade, a história e o sonho. O low tech e o hi tech, juntos em gambiarras e apropriações, em dispositivos móveis, televisores, gravuras e intervenções: mídias selvagens. No (contra) fluxo da arte contemporânea, a tecnologia possível para atingir o impossível.

DEYSE MARINHO
COORDENADORA GERAL

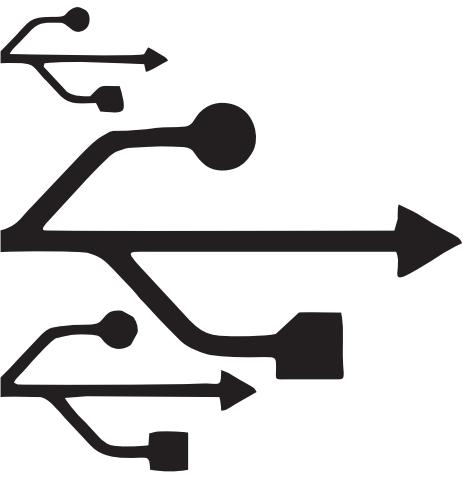


ESPAÇO CULTURAL BANCO DA AMAZÔNIA



ESPAÇO CULTURAL BANCO DA AMAZÔNIA





ARTISTAS PREMIADOS

PRÊMIO NACIONAL
PIERRE LAPALU (PR)

PRÊMIO AMAZÔNIA
LEO VENTURIERI (PA)
MATHEUS AGUIAR E LOU AMANCIO (PA)



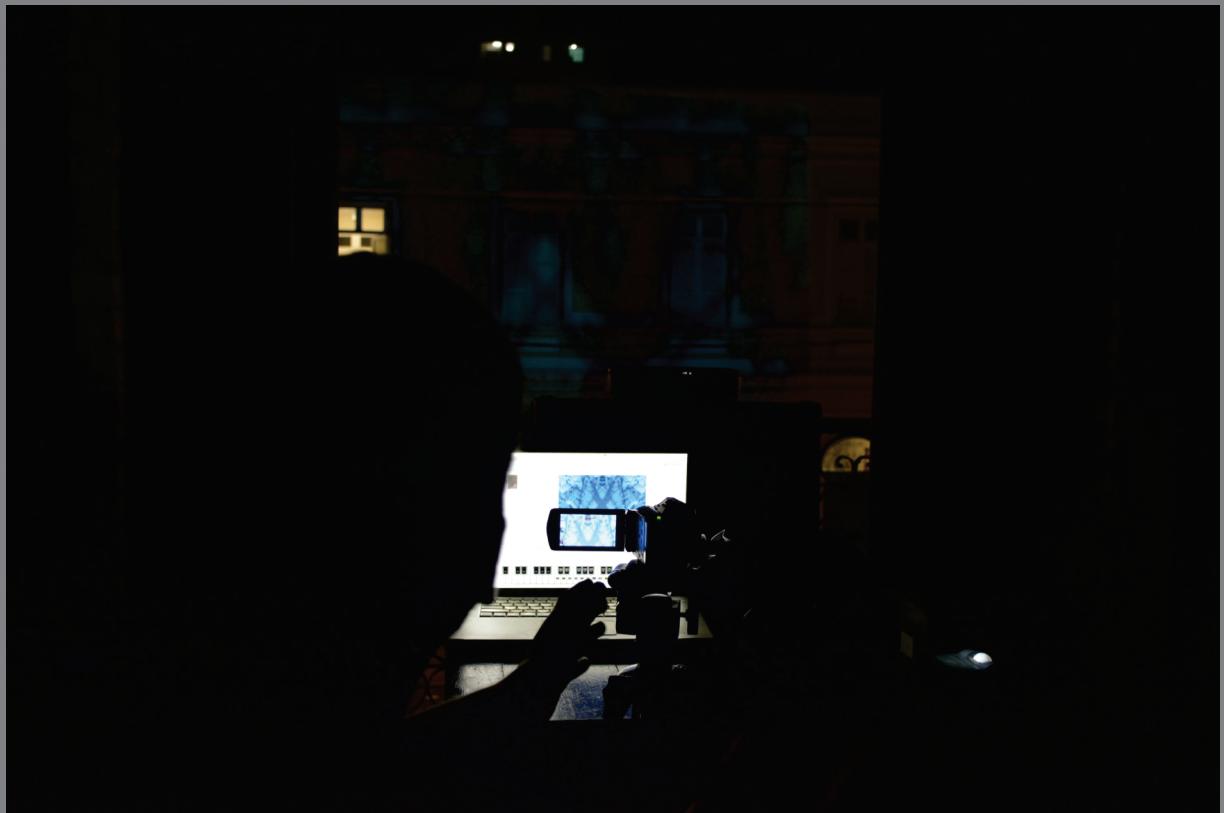
O Barroco no Realismo Social:
Apolo vencedor de Pan em Vista Alegre
(Depois de Jacob Jordaens)



O Barroco no Realismo Social:
A Vigília de Madalena no Savóia
(Depois de Georges de La Tour)



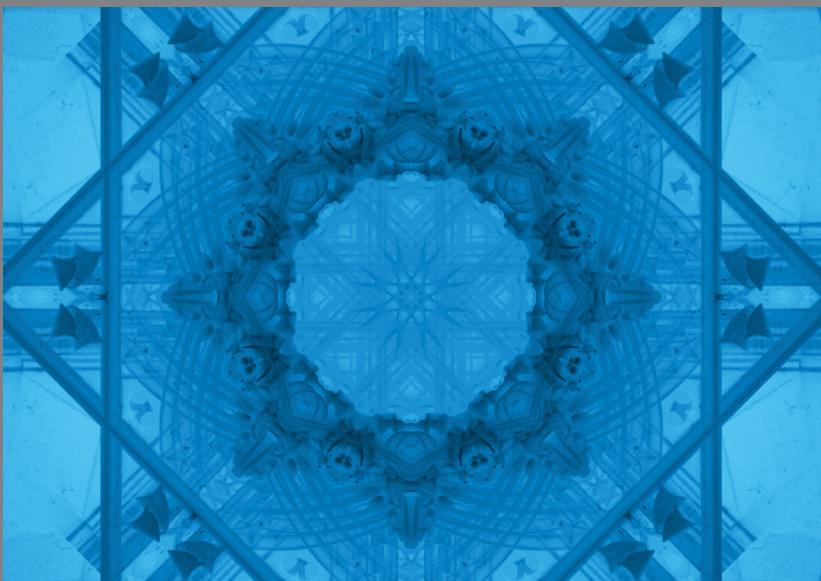
O Barroco no Realismo Social:
Descanso na Rua XV durante fuga para
o Egito (Depois de Giovanni Battista Pittoni)



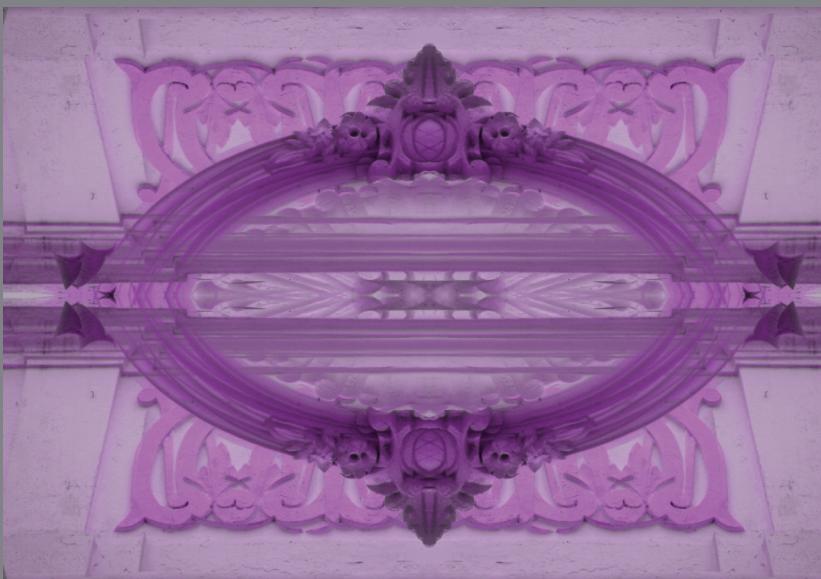
Mesmerismo

Performance multisensorial Solar da Beira/Mercado de Carne

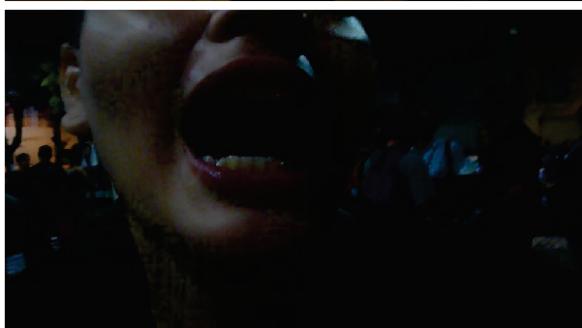
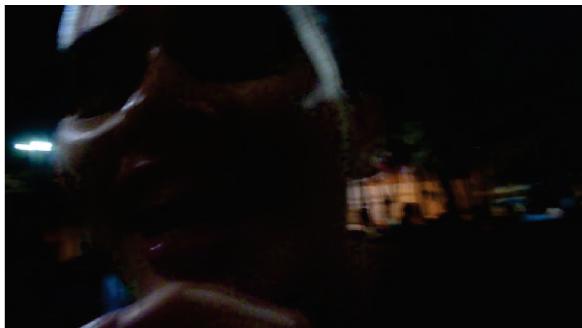
“ Este processo de música visual, sons cromáticos, cores musicais, apresenta uma experiência estética em que as assinaturas visuais sincrônica às ideias musicais, resultam em um denso resultado sinestésico. (LV) ”



Frames do video «Mesmerismo»



LOU AMANCIO/MATHEUS AGUIAR



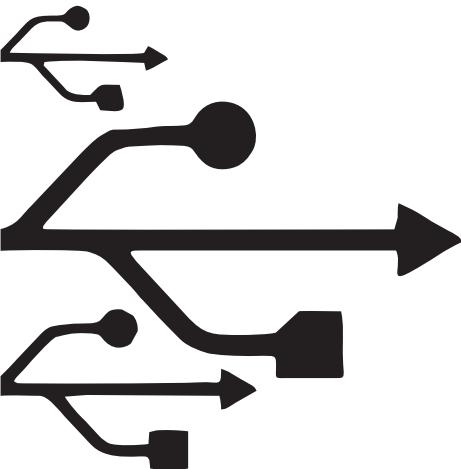
“ A embriaguez de um cinegrafista e de uma performer numa úmida noite belenense. Os dois inseridos num contexto de festa, aglomeração, onde a qualquer coisa. Rindo por uma semana que termina, pois na sexta à noite costumamos sair de casa para submetermos aos mistérios das ruas e incitar os nossos próprios mistérios.

Estamos na Praça do Carmo com uma câmera numa mão e um copo de cerveja na outra, já distantes da sobriedade. O que fazemos? Filmamo-nos. Em “o P1040257.mov de nossa memória periférica”, a Lou fala com a câmera sem ainda saber se haverão futuros expectadores, afinal, nos nossos HDs externos, pendrives e cartões de memória esse vídeo poderia facilmente se dissolver. Sem saudade e sem mistério.

A memória de nossas câmeras se tornou extensão da memória dos bêbados. E quando os níveis alcoólicos já estão altíssimos, a região cerebral hipocampo não grava novas situações, e o nosso aparelho de filmar se torna nossa Memória Periférica. Podemos guardar essas novas memórias no bolso, arquivá-las em nuvem, subir no YouTube. E como essa memória vem de um objeto comprado, ela pode ser roubada e pertencer a outro. A outro que sequer participou da experiência conosco. (LA, MA)

”

o P1040257.mov de nossa memória periférica



Aldo Pedrosa (MG)
Alexandre Silveira (SP)
Ben Neumann (SP)
Bruno Osório (RS)
Cássia Correa, Marcelo Gobatto e Roger Neves Mach (RS)
Chico Santos (PR)
Coletivo Algodão Choque (DF)
Diego de Los Campos (SP)
Diogo Brozozski (RJ)
Ednaldo Britto e Marcilio Costa (PA)
Evna Moura (PA)
Fernando Gregório e Victor Negri (SP)
Fernando Velazquez e Giselle Beiguelman (SP)

ARTISTAS SELECIONADOS

Henrique Montagne Figueira (PA)
Hugo Nascimento (PA)
João Agreli (MG)
John Fletcher (PA)
Leandro Dário (SP)
Luisa Puterman (SP)
Melissa Barbery (PA)
Osvaldo Carvalho (RJ)
Paul Setúbal e Veronica Noriega (GO)
Renata Roman (SP)
Rodrigo Moreira (SP)
Thales Leite (RJ)
Vanja von Sek (PA)

“ O trabalho traz em sua composição uma discussão sobre aspectos entre corpo e dispositivos de poder. Há nas imagens um aspecto de corpo fantasma que atua sobre outro corpo. Os corpos no vídeo são dos respectivos artistas. (PS/VN) ”



PAUL SETÚBAL E VERÔNICA NORIEGA

Translúcido

RODRIGO MOREIRA

Paisagens Emocionais



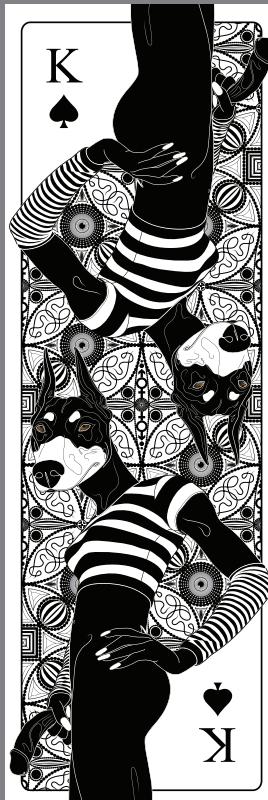
Em "Paisagens Emocionais" crio relações iniciadas no ambiente virtual com o objetivo de traçar uma imagem física no mundo real: os relatos de viagem são uma tentativa de entender aquilo que só torno conhecimento e contato graças às possibilidades trazidas pela internet e suas ferramentas. O que difere a imagem do mundo real de suas impressões virtuais? (RM)



LEANDRO DÁRIO

Cara a Cara

“Encontrei na representação antropomorfa uma possibilidade de extinguir do meu trabalho a caracterização por gênero. No universo dos animais de estimação (cães e gatos) identifiquei que machos e fêmeas se confundem, sendo quase que imperceptível sua dedução, pelo simples olhar. Como tática para desdobrar meus entendimentos da vida e das relações humanas, tento criar imagens, que numa primeira impressão apresentam-se de uma maneira “inocente”, mas que valhem-se de seu sentido mais profundo, para expressar meu pensamento crítico e minha análise do sujeito individual, e de um grupo, pertencente a uma sociedade ainda cheia de barreiras e preconceitos. (LD) ”



RENATA ROMAN

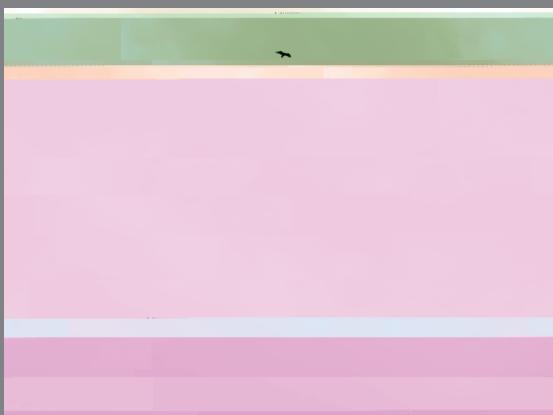
404 Not Found



“ 404 not found é uma instalação sonora que chama a atenção para um problema que perdura no Brasil: o desaparecimento de pessoas. Ainda num estado democrático há milhares de casos de pessoas que desaparecem, por todo o país. A peça , criada em 2013, é uma resposta à inquietação provocada pelo desaparecimento e execução do trabalhador Amarildo na cidade do Rio de Janeiro, que deu visibilidade à um problema herdado do regime militar. (RR) ”



“ O projeto, que poderia ser definido como um erro de dados de imagem digital, é fortalecido através das cores e do minimalismo da composição criando, uma atmosfera esteticamente acidental contemporânea. Este é um trabalho de arte digital onde os pássaros, do ver-o-peso em mais um dia de retratação no seu cotidiano, agora são isolados através de cálculos digitais. (VVS) ”

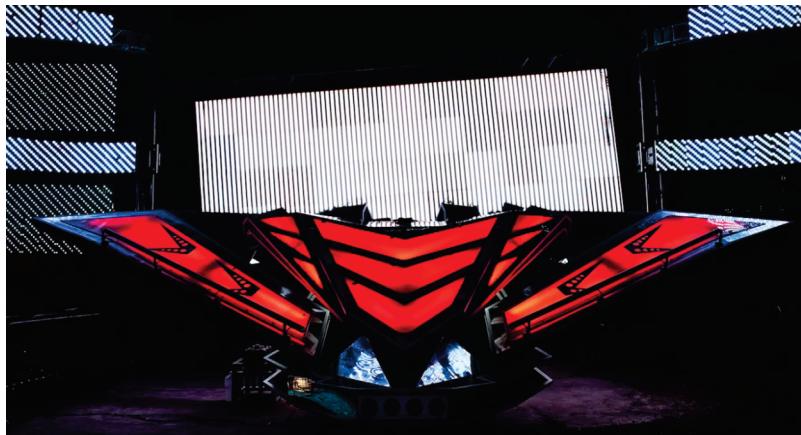


VANJA VON SEK

Non Accidental #1, #2 e #3

“ Espaçonaves abandonadas, apreendidas ou apenas estacionadas em galpões, durante a noite se transformam em atração para mais de 10 mil pessoas. Essas são as aparelhagens de tecnobrega, peças fundamentais do movimento musical originado e consumido em Belém do Pará e redondezas, mas que, a cada ano, expande suas fronteiras. (...) O nome “Área 91” faz referência ao código de comunicação de Belém e também à base militar americana “Área 51”, na qual, segundo ufólogos, o governo estadunidense esconde e estuda objetos voadores não identificados; essas alegações geraram pautas para a imaginação de vários autores e roteiristas de ficção científica. (TL)

”



THALES LEITE

Área 91



JOHN FLETCHER

Void



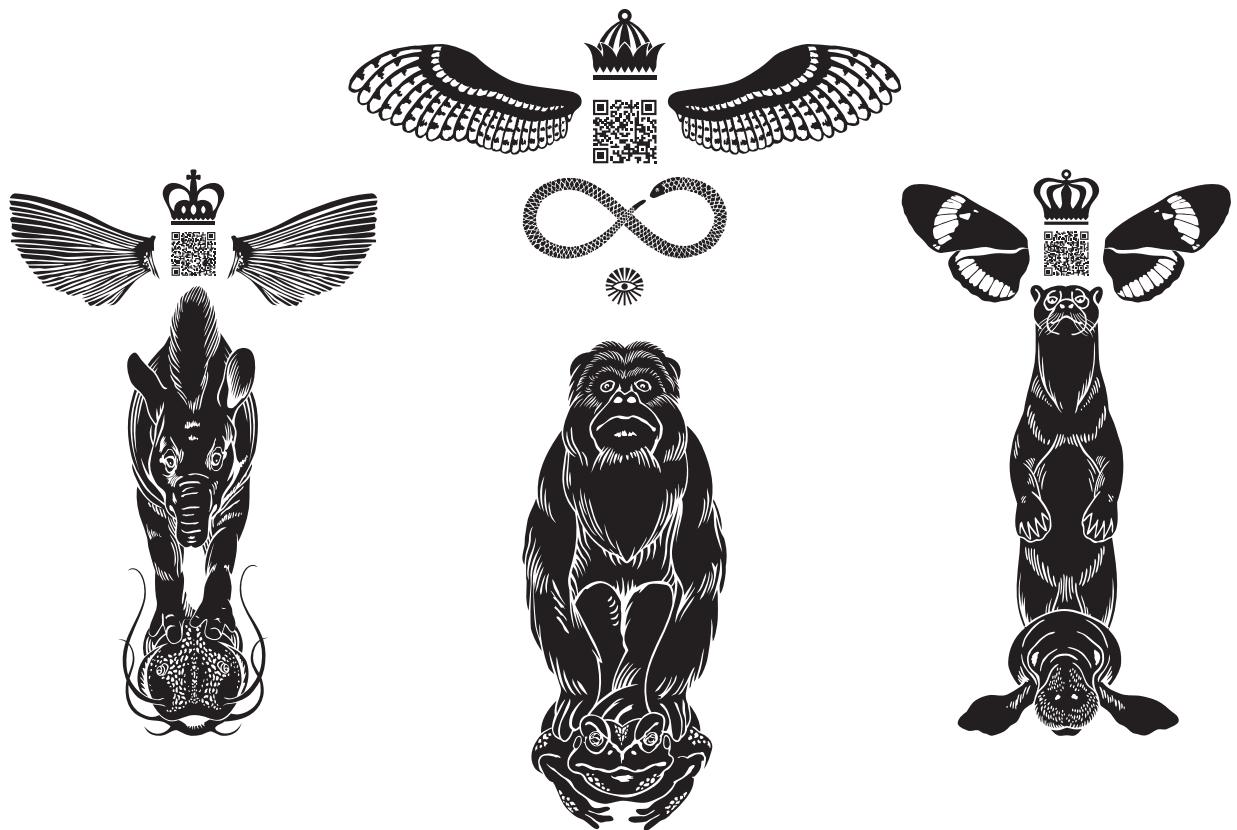
“

Esta série traz um processo de experimentações fotográficas as quais (re)criam paisagens em suas redes de instabilidades e constantes transformações.

Sem fazer uso de qualquer manipulação por softwares de computador, utiliza-se somente a câmera como dispositivo capaz de ceder ao seu próprio colapso para subverter imprevisivelmente a perspectiva panorâmica e criar imagens insólitas.

Esta é uma alternativa de poetizar sobre a grandeza aterradora do mundo vivido versus a sedução nada pacífica que este produz. (JF)

”



JOÃO AGRELI
Totem



“ Cuidado Veículos se trata de uma performance audiovisual. Baseada em pesquisas sobre as sinalizações Cuidado Veículos, a ação se debruça na biodiversidade desse objeto (abundante nos centros urbanos do Brasil, normalmente localizado em saídas de garagens e estacionamentos). Suas diferentes formas, funcionamentos e defeitos possibilitam a criação de ritmos e timbres. Sons que, através de pequenos vídeos, algo como uma biblioteca, se misturam de maneira inusitada e imprevisível. Sujeita a uma coleção de 100 vídeos, a composição organiza esses fragmentos de acordo com as circunstâncias no presente. (LP) ”

LUIZA PUTERMANN

Cuidado veículos!



Para este vídeo, captei cenas de cunho voyeurista/vigilante a partir da janela de um dos hotéis em que me hospedei na capital francesa. Foram gravadas várias horas de imagens das janelas dos apartamentos de outros hotéis que se situavam no entorno do hotel em que me encontrava. Estas cenas mostravam desde situações corriqueiras, como uma mãe cuidando de um bebê e casais de idosos conversado, até cenas íntimas (...) A maioria das cenas era vista por detrás de uma cortina semi-transparente e, por conta disto, em vários momentos era possível serem visualizadas apenas as silhuetas das pessoas. Mesmo nas ocasiões em que as janelas e cortinas estavam abertas, por conta da distância do hotel e do uso do zoom, as imagens perdiam em qualidade e resolução, o que auxiliava no não reconhecimento das identidades das pessoas captadas, assim conservando seu anonimato e mantendo sua privacidade. (AP)

“ A destruição na ação do tempo sobre a matéria é nova construção erigida. ”
Tempos de uma cidade que se constrói na destruição. (AS)



ALEXANDRE SILVEIRA

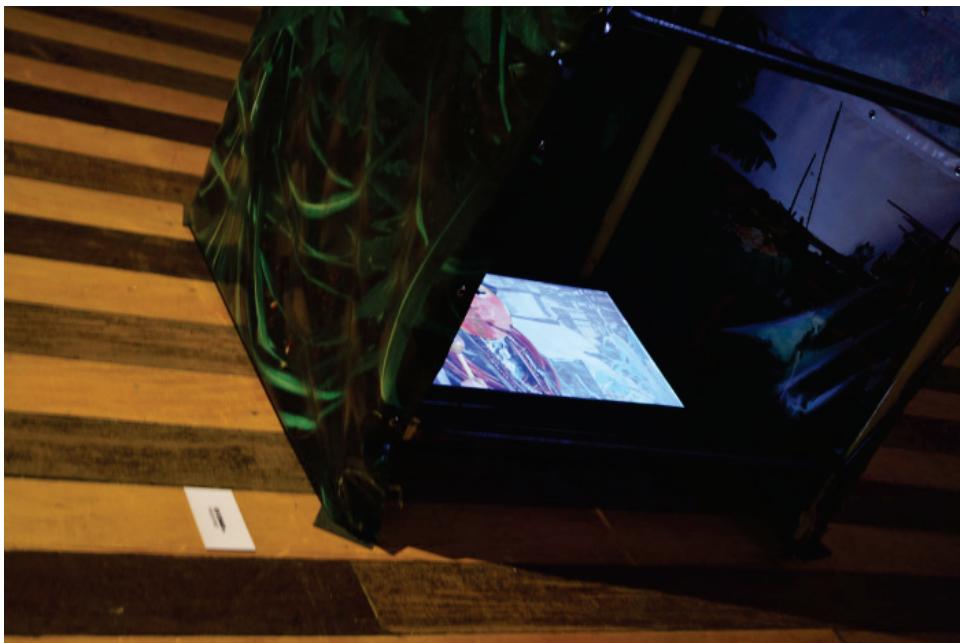
Ruídos Ruinosos



DIEGO DE LOS CAMPOS

Nobody loves me





“ Essa obra coloca em questão o romanticismo e as fantasias sobre a mata atlântica e as favelas, os únicos lugares onde Google-Streetview ainda não chegou. Os meios de comunicação, organização, observação e vigilância estão ficando cada vez mais perfeito. Os efeitos são, num lado, mais transparência pois quase nada pode ser escondido e, no outro lado, a ausência quase completa da privacidade. Essa ausência da privacidade estimula as fantasias sobre lugares onde a “modernização” ainda não chegou, lugares sem observação. Fantasiamos que ali existiria mais liberdade. Assim, a “Favela” virou uma palavra em moda, na Europa. Os turistas querem visitar a Favela, associando ela com a ultima fortaleza da liberdade humana. Em moda está também fazer退ros no mato e nas aldeias indígenas. Em busca da liberdade ou de alguma coisa que parece estar em falta. (BN) ”

BEN NEUMANN

Ondesconde

“ As imagens quase abstratas e pacíficas das câmeras dos canais de notícias cobrindo os preparativos da ação eram invadidas pela violência do som dos helicópteros militares, que anunciam uma sensação de guerra. (...) A lembrança de que se está no mundo. O ao-vivo versus o vivo, o em-tempo-real versus o real. Num mundo de relações tão mediadas, em que mais se consome a realidade do que se vive, 4am parece tocar nessa tensão que vivemos. Mas que na maior parte do tempo não sentimos. Talvez porque não passe na TV. (BO) ”





“ A lente corre atrás de um momento, que o corpo produz. A liberdade feminina que ejacula, dentre a metrópole amazônica, que quer debater-se contra o humano ao ritmo de Beethoven, Symphony No 1: Movement 2. A chuva da tarde estava por vir. De repente sem eu mandar, Brenda dança junto aos prédios, com a liberdade que uma alma jovem feminina tanto quer. Deusa, da sedução e da guerra. Vejo que nesta cena acontece uma reflexão filosófica. Um ataque, algo feroz. Vejo O clássico e o contemporâneo. (HMF) ”

FERNANDO VELAZQUEZ



Mindscapes

“ No emaranhado do ser: encontros. Superfície tênue dos desejos humanos. Lugar plural de acontecimentos fortuitos. Perda. Insensatez abissal. Floresta perene das viscissitudes do abandono. O subjetivo (des)encontro de si mesm@. Corpos gueis existindo em resistência. Abrir. Desovar. (CAC)



COLETIVO ALGODÃO CHOQUE

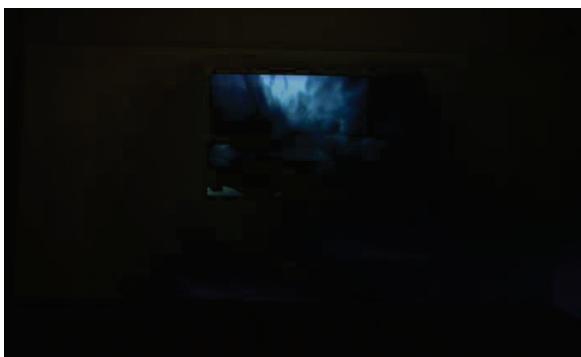
Desova



HUGO NASCIMENTO

Romeiro

“ Sentada a beira do cais, como uma tríade que se completa e se alimenta de relações, da imensidão - observando a construção e a transformação do tempo em natureza e por ela sendo transformados. A experiência do cotidiano amazônico, nascendo com uma perspectiva de diário de bordo, expondo um pouco da relação entre experiência e a narrativa sobre lugares - não especificadamente sobre um determinado lugar ou sobre um determinado tempo - mas sobre a passagem em um lugar úmido e tangido de linhas, sejam elas rios/raios/olhares. Observando o espaço natural, seguindo solitária na busca destas relações, encontro na possibilidade de ser projetado na fragilidade e transparência do vidro o eco sobre a multi-reverberação de som e imagem que encontro pelo caminho; a arte ambiental incorporando-o à obra e/ou transformando-o, seja o espaço da galeria, rua ou como corpo presente do sujeito diante da expansão da obra no espaço expositivo. (EM) ”



EVNA MOURA

Exercício de observação
sobre o tempo - nº I - o som

“ Você não está aqui é uma máquina de criar cidades que confronta os discursos excessivamente localizadores dos dispositivos de socialização e consumo. Propõe o desafio de inventar uma nova geografia, afetiva e movediça, em mapas nômades de territórios passageiros.

Discute a paisagem no tempo da produção de imagens mediadas por dispositivos portáteis, aplicativos de celular, recursos de geolocalização e tagueamentos de toda sorte.

Oferece uma experiência cinematográfica para a era do “homem sem a câmera”, na qual o público é convidado a construir cidades (ou reeditar os caminhos percorridos pelos artistas em diferentes lugares) a partir de um banco de dados.

A paisagem é visualizada num dispositivo de 360º que acompanha a movimentação dos visitantes deslocando o “norte” em função das pessoas na sala e desconstruindo a incessante marcação de posicionamento que a cultura dos GPSs tem imposto.

O público é convidado a visualizar e/ou criar cidades, a partir da escolha de imagens capturadas pelos artistas em mais de 40 cidades do mundo, em interfaces multitoque (iPads). Os visitantes criam e modificam as paisagens aplicando efeitos gráficos, sonoros e de movimento.(GB/FV)

”

**FERNANDO VELAZQUEZ
GISELLE BIEGUELMANN**

URNOTHERE

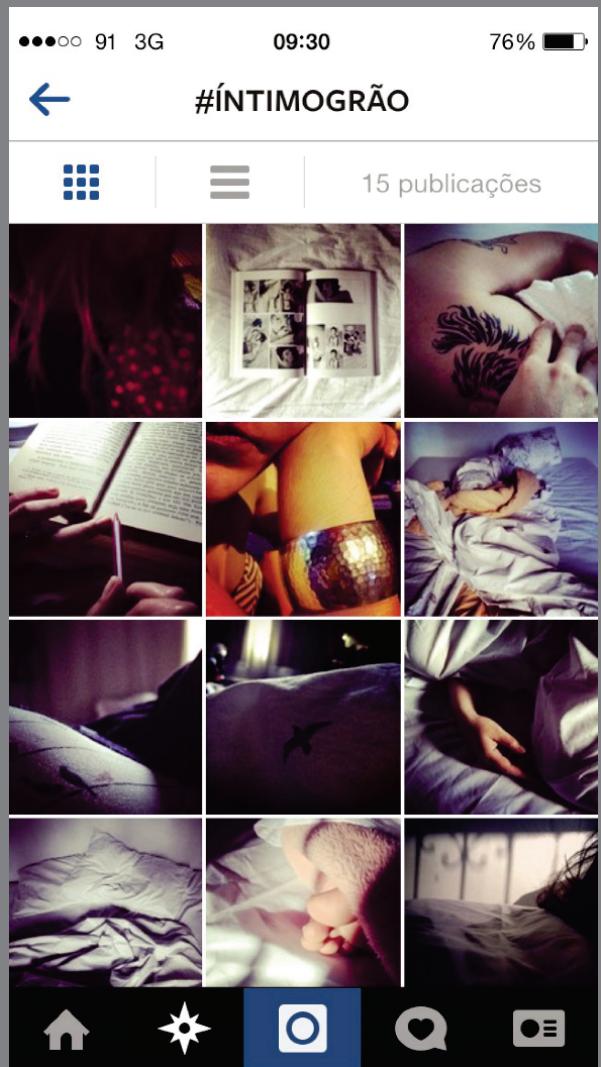


Em um exercício de
atravessamento da imagem
fotográfica que se remonta desde
sua origem analógica e hoje
se deflagra em possibilidades
digitais/virtuais, proponho a
instauração de uma coleção
em local e formato específico -
digital - constituídas em uma
proposta onde o fio condutor se
alarga a partir das percepções
dentro do íntimo de uma relação
na concepção de um universo
narrativo. (MB)

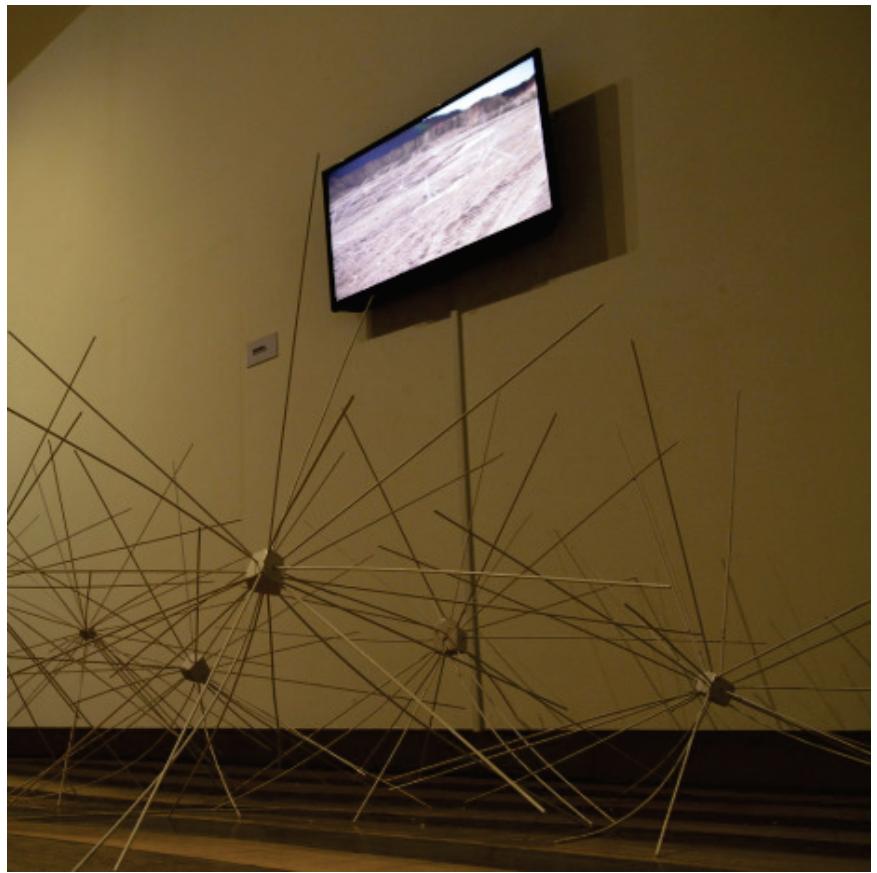
“

MELISSA BARBERY

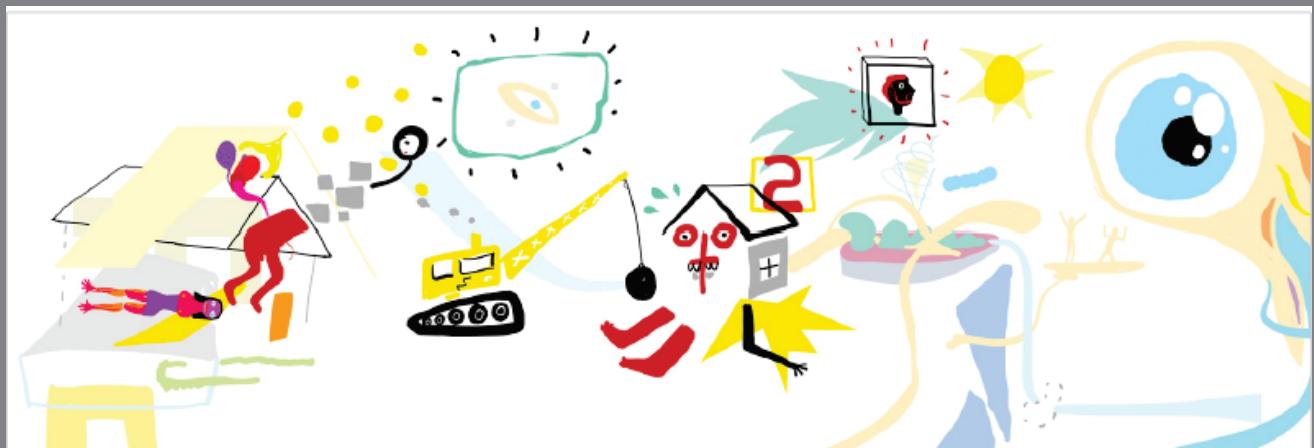
#intimogrão



CHICO SANTOS



Invasão: Coxilha



DIOGO BROZOSKI

O aquário se rompe



Numa forma de arte verdadeiramente bela, o conteúdo não deve ser nada, a forma tudo.

Só através da forma atuamos sobre o homem como totalidade; através do conteúdo só atuamos sobre as forças dele separadas. O

verdadeiro segredo do grande artista consiste no seguinte: ele destrói a matéria por meio da forma.

É claro que o conteúdo de uma obra será interpretado diferentemente por cada um de nós, e mesmo reinterpretado por nós em momentos diferentes, mas mesmo assim, as diversas interpretações haverão de ocorrer dentro de um feixe predeterminado pela estrutura da própria obra.



“ embate/empate trata de um tema com o qual todo artista se vê obrigado a lidar: forma e conteúdo. Muitos defensores de um, muitos detratores de outro, conciliadores aqui e acolá, mas o tema é sempre incontornável em uma obra de arte. O que proponho é exatamente levar ao extremo da questão criando um embate vocal, popularmente conhecido como bate-boca entre as partes e que chega a lugar nenhum, é inconclusivo, ou seja, há um empate. (OC)

”

OSVALDO CARVALHO

embate/empate

A proposta alude ao massacre dos 19 trabalhadores sem terras no ano de 1996 que neste ano de 2014 completa 18 anos, uma espécie de "maioridade" da barbárie e de sua memória. (...) eis é o cerne da proposição "Memória de bolso - uma rede contra o sono do sangue": o jogo com a memória que o objeto instiga. O estranhamento que se instala ao se perceber a repetição, a insistência das datas. Lembrando que todos os dias são aquele dia, ou que todos os dias e todos os meses estão ali pulsando, resistindo por entre os dias. A memória martelando seu grito-sussurro contra a barbárie que não pode ser esquecida. Contra o cotidiano e suas simulações que quer anestesiar-nos ante a realidade que se evidencia na vida atual que "assassina" e anula o humano. (MC/EB)

EDNALDO BRITTO MARCÍLIO COSTA



MEMÓRIA DE BOLSO - uma rede contra o sono do sangue

“ Este video-performance é a casa de uma cyber-entidade.

Escolheu manifestar-se através da união entre corpo, vídeo, som e efeitos digitais, tendo como canal gerador dois artistas que vivem juntos e não combinaram a sincronia entre imagem (Fernando Gregório) e música (Victor Negri), compostas originalmente em separado, até que se percebesse que a união era inevitável. Efeito telepático.

A exposição desta obra celebra o culto a um corpo virtual, dependente de efeitos midiáticos e impossível de existir apenas em carne. Corpo em constante e simultânea desconstrução e construção, trilhando para um lugar mais transparente.

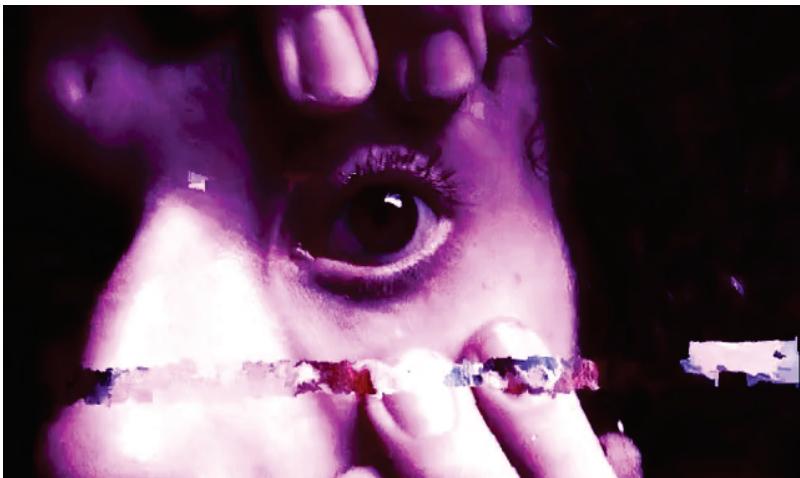
O glitch, o tilt, como manifestação de forças da natureza. A corrosão audiovisual como tática inicial de criagão de urna nova didática midiática - para além da camada superficial que impede a compreensão sobre a programação que movimenta e controla o humano.

Log in end é loc ô é reativo a uma cultura vaidosa e corrosiva, onde o desenvolvimento tecnocientífico não caminha junto a um pensamento politizado e humanístico. (FG/VN)



**FERNANDO GREGÓRIO
VICTOR NEGRI**

Log in end é Loc ô





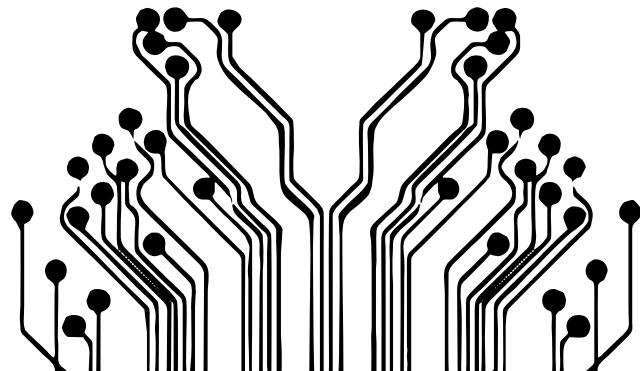
**CÁSSIA CORREA, MARCELO GOBATTO
E ROGER NEVES MACH**

ZONAS - pAiSaGeNs Em ReDe

“ Zonas, paisagens em curso está conectada com a produção contemporânea e recente no Brasil, pois ao invés de simplesmente apresentar um produto, fruto do uso de um médium específico, pretende proporcionar espaços comuns para serem compartilhados e vivenciados por pessoas que vivem em trânsito (os mercados são locais de fluxos de pessoas, mercadorias, narrativas), e que tem suas identidades cada vez mais menos impostas e sim forjadas pelas tramas que se criam entre suas raízes genéticas e sociais, o local, e seus trânsitos e trocas com o outro, o diverso, o próximo, compondo uma identidade em movimento ou criada nesse movimento, num emaranhado de signos e sentidos que a vida contemporânea nos dirige. (CC/MG/RNM) ”



ARTISTAS CONVIDADOS



RODRIGO BARATA



Cinderela



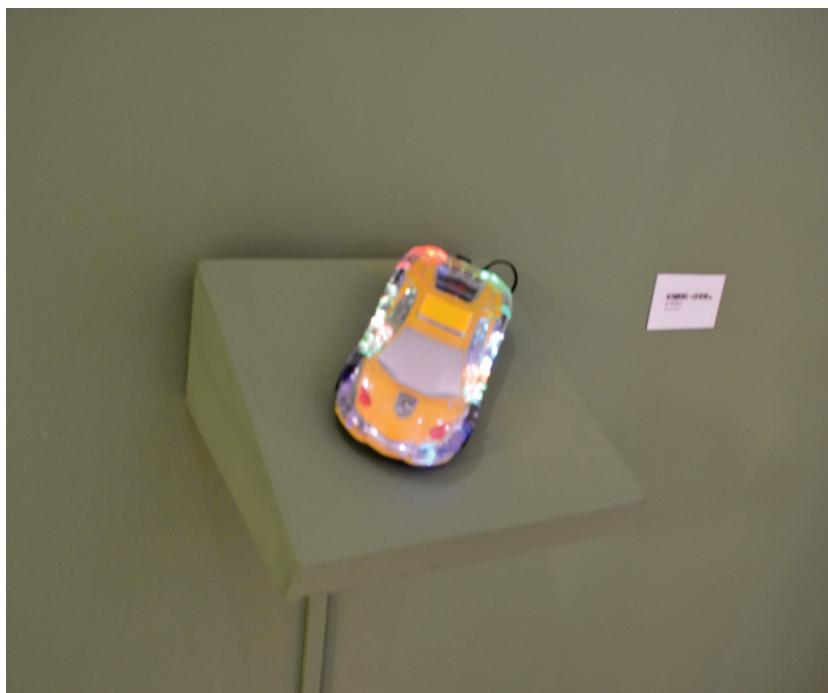
LEO BITAR

Caixas sonoras: realidade ampliada

FLÁVIO NASSAR

Armagedom na Cidade do Pará e a Polêmica ressurreição do EngoleCobra

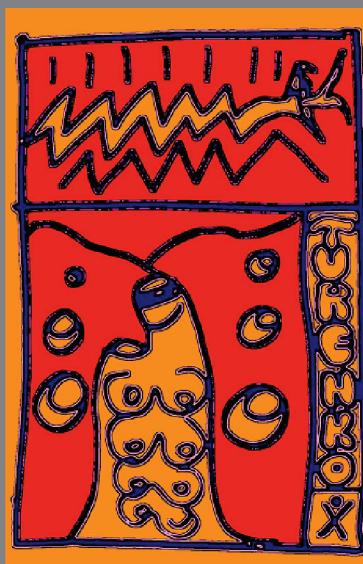
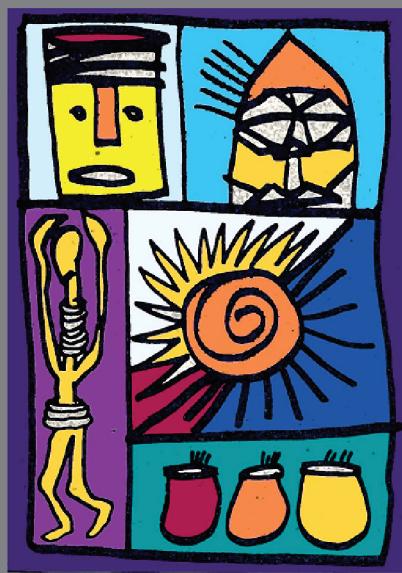




ALFAQUEBEC

s/ título

ANIBAL TURENKO BEÇA



Série Naïf digital



FICHA TÉCNICA

IDEALIZAÇÃO Deyse Marinho e Ramiro Quaresma

CURADORIA Ramiro Quaresma

COORD. GERAL Deyse Marinho

MULTIMÍDIA Rodrigo Sabbá

MONTAGEM Xumucuís, equipe SIM, Cristiano Damasceno
e Mônica Gouvêia

MEDIADAÇÃO CULTURAL Mônica Gouvêia

COMISSÃO DE SELEÇÃO Armando Queiroz
Gil Vieira
João Cirilo

Página 2: Non Accidental / de Vanja von Seck

Página 58: Log in end é Loc ô / de Victor Negri e Fernando Gregório



MÍDIAS SELVAGENS